



**DE QUEM SÃO OS LUGARES NA CIDADE?
TRAJETÓRIAS GAYS EM CAMPOS DOS GOYTACAZES – RJ**

Whose are the places in the city? Gay trajectories in Campos dos Goytacazes - RJ

Fernanda de Faria Viana Nogueira¹
Antonio Bernardes²
Felipe Costa Aguiar³

RESUMO

Pensar nas cidades que construímos é constituir também a construção de um olhar para os corpos que ocupam esses espaços. Neste trabalho, buscamos mergulhar na experiência da sexualidade-em-situação de homens gays da cidade de Campos dos Goytacazes - RJ. A história da construção da cidade se entrelaça em memórias de opressão e violências que até hoje se perpetuam na situação dos corpos desses homens, que a partir de suas trajetórias e experiências, resgatam memórias das situações que viveram e ainda vivem na cidade. Há, portanto, a urgência de um imperativo de mudança que vai acontecendo individualmente e coletivamente, indicando que as suas experiências reivindicam e extrapolam as estruturas que um dia impediram seus corpos de existirem.

Palavras-chave: Sexualidade; Cidade; Sexualidade-em-situação; Experiência; Homens gays.

ABSTRACT

Thinking about the cities we build is also the construction of a look at the bodies that occupy these spaces. In this paper, we seek to dive into the experience of sexuality-in-situation of gay men in the city of Campos dos Goytacazes - RJ. The history of the construction of the city is intertwined in memories of oppression and violence that even today are perpetuated in the situation of the bodies of these men, who from their trajectories and experiences, rescue memories of situations that they lived and still live in the city. There is, therefore, the urgency of an imperative for change that is happening individually and collectively, indicating that their experiences claim and go beyond the structures that once prevented their bodies from existing.

Keywords: Sexuality; City; Sexuality-in-Situation; Experience; Gay Men.

¹ Doutoranda em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail: f262924@dac.unicamp.br

² Professor de Geografia da UFF; E-mail: antonio_h_bernardes@yahoo.com.br

³ Doutorando em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: felipeaguiar@id.uff.br



Qual o lugar dos gays em Campos dos Goytacazes-RJ?

Há duas perguntas que apresentam este trabalho, a primeira introduz o título do artigo, enquanto a segunda intitula esta seção. Assim, há duas vias possíveis para adentrar nossas reflexões, sendo uma o complemento da outra.

Ao nos perguntarmos de quem são os lugares na cidade não indicamos que alguém detém a posse dos lugares, pelo menos não objetivamente. Com essa afirmação queremos dizer que nas relações sociais que permeiam os lugares há pessoas que performam mais poder, influência e controle (COSTA, 1992; NOGUEIRA, 2019). Por mais que isso não os garanta a posse do lugar, possibilita que suas performances e desejos se sobreponham em relação aos outros, o que causa uma assimetria no exercício da liberdade, principalmente (BUTLER, 2017; 2018a).

A pergunta “qual o lugar dos gays em Campos dos Goytacazes-RJ?” complementa e torna complexa o que perguntamos no parágrafo anterior. Porque? Apesar de considerarmos que comumente o exercício do poder e da liberdade são desiguais quando comparamos as trajetórias gays com outras trajetórias, reconhecemos que essas experiências também são distintas, ou seja, são constituídas de particularidades.

O trânsito entre o coletivo e o particular na pesquisa com as sexualidades é o que Moreira (2021, p. 24) chamou de sexualidade-em-situação:

Por assim dizer, saliento que a sexualidade-em-situação que arrola nessa trama tem a ver com a possibilidade da não hegemonização dos termos que caracterizam e petrificam as corporeidades. Por isso, quando digo que ela se assenta no movimento, é justamente, esse movimento de não petrificação do ser-em-situação por meio de um conceito pré-definido (MOREIRA, 2021, p. 24).

Ao compreendermos a experiência gay na cidade de Campos dos Goytacazes-RJ por meio da sexualidade-em-situação arrolamos a experiência em movimento, isto é, o ser-em-situação como verbo, como quem se move e não se petrifica, como quem caminha em direção aos próprios desejos por mais que viva uma vida interpelada pelos desejos dos outros. Com isso, queremos dizer que falamos sobre experiências particulares de homens



gays, mas nunca sobre todos os gays.

Assim sendo, a sexualidade-em-situação nos impede de afirmar qual o lugar dos gays em Campos dos Goytacazes-RJ, nos restando fazer uma descrição da situação na qual os gays existem nessa cidade, num movimento de mergulho, entrecruzando fatos da história coletiva dos homens gays em Campos dos Goytacazes, experiências particulares e conclusões gerais de autores que se dedicaram à investigação dos gêneros e sexualidades, o que nos permite atingir convergências e divergências entre nossa investigação e pesquisas sobre outras experiências de sexualidade.

Em vez de afirmar o lugar dos gays em Campos dos Goytacazes-RJ dedicamos este texto às trajetórias, buscando uma fenomenologia das experiências com as quais tivemos contato, uma das inúmeras possibilidades da sexualidade-em-situação emergir nos corpos gays que habitam a cidade de Campos dos Goytacazes.

Nem todo gay, mas sempre um gay

Recentemente tem circulado nas redes sociais digitais um meme que pejorativamente se refere aos homens gays, que diz “nem todo gay, mas sempre um gay”. De forma pejorativa, esse meme ⁴é utilizado para se referir a qualquer tipo de erro que os gays possam cometer, por exemplo, insultar ou julgar alguém. Internautas respondem a essas ações com a justificativa de que nem todo gay comete tais ações, mas sempre um gay as faz, o que implica na mesma coisa. Essa expressão está embebida de preconceito, assim como várias outras. Mas por quais razões ela intitula esta seção?

Gostaríamos de subverter o sentido visado com a frase “nem todo gay, mas sempre um gay”, como se rasurássemos o significado da zombaria, possibilitando que a expressão usada para ofensa abra outros sentidos. Como? Em vez de utilizar esse meme para indicar ações errôneas de homens gays, que por sinal podem ser de qualquer pessoa, objetivamos pensar sobre as experiências que nem todo gay, mas sempre um gay vive. Assim, subvertemos a frase para reverter o sentido aberto por ela.

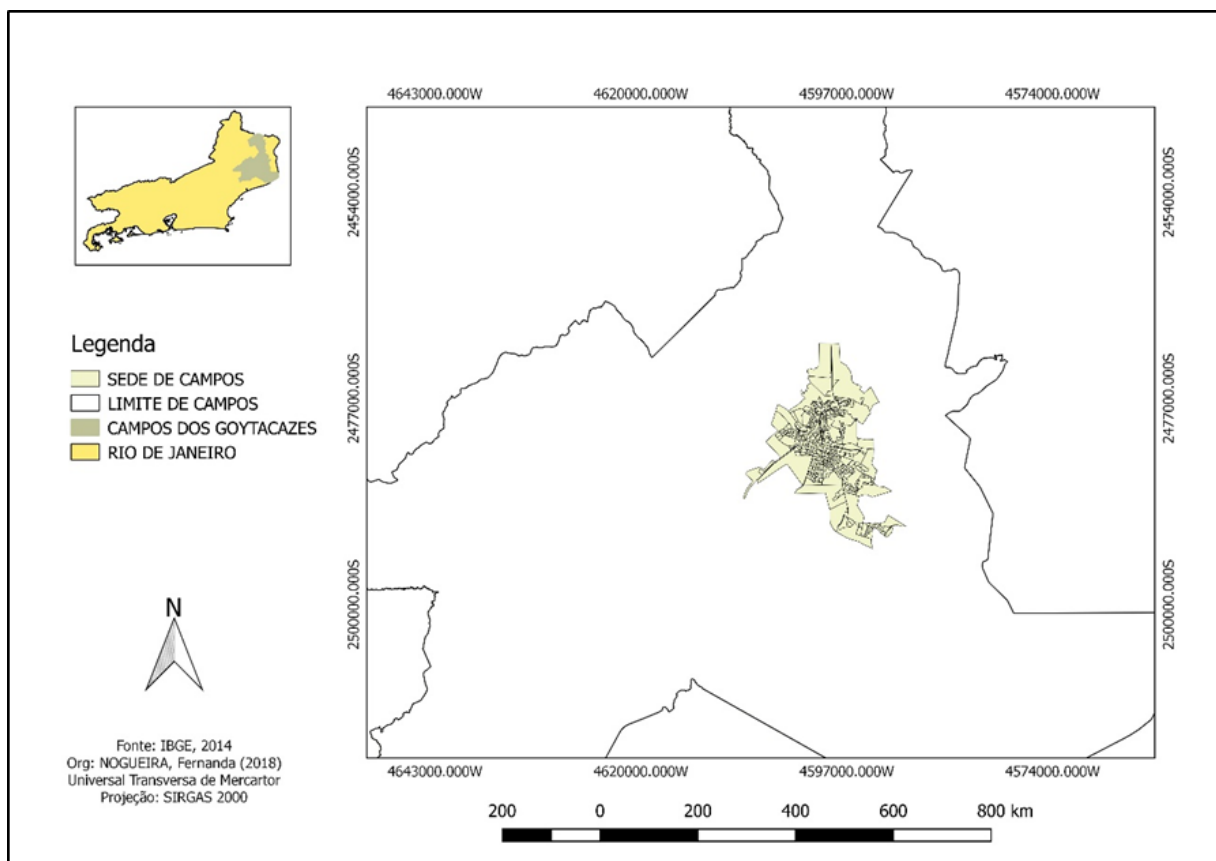
Exploramos as trajetórias gays na cidade de Campos dos Goytacazes-RJ, portanto, as experiências que investigaremos dizem respeito à sexualidade-em-situação na cidade, e não nas áreas rurais do município. Também por isso, para compreendermos o que nem

⁴ A expressão meme é usada para descrever um conceito de imagem, vídeos, GIFs e/ou relacionados ao humor, que se espalha via Internet.

todo gay, mas sempre um gay vive nessa cidade é preciso que compreendamos um pouco da história da cidade e também da história coletiva dos homens gays em Campos dos Goytacazes, porque juntas essas histórias compõem a situação na qual os gays sempre ou quase sempre existem na cidade.

Campos dos Goytacazes, localizada ao norte do Estado do Rio de Janeiro, é conhecida por sua grande extensão territorial, sendo o município mais extenso de todo o Estado do Rio de Janeiro.

FIGURA 1 – Localização do Município de Campos dos Goytacazes



Desde as décadas de 60 e 70 o tradicionalismo como forma de controle na e da cidade de Campos se faz a partir de diversos grupos, dentre eles a Sociedade Brasileira da Tradição, Família e Propriedade (TFP). As influências desses grupos reverberam em diferentes âmbitos da sociedade, como demonstrou Nogueira (2019) ao indicar a intervenção de grupos ligados às instituições religiosas, principalmente as cristãs, que se colocaram contra os direitos das ditas minorias sociais, como ocorreu com a oposição de



algumas igrejas católicas à reforma agrária em 1970 e as condenações contra as primeiras articulações do que seria o movimento gay no final da década de 90.

Apesar desse contexto de oposição e opressão, Santos (2016) disserta que em 1990 o movimento gay começa a tomar forma organizacional na cidade. Naquele momento, um dos principais desafios do movimento era garantir o direito dos corpos gays transitarem na cidade, o que diversas vezes ainda é negado aos corpos desviantes que transgridem o enquadramento padrão de ser homem branco, heterossexual e cristão (BUTLER, 2017; BUTLER, 2018a; 2019a).

Em Campos dos Goytacazes, a assimetria não se dá apenas nas relações de gênero e sexualidade, Nogueira (2017) apresentou como a economia campista conserva rastros da colonização, como a concentração fundiária nas mãos de poucos fazendeiros. Além disso, Nogueira (2017) apontou que essa estrutura se reproduz no processo de urbanização do município, que se reflete, entre vários aspectos, na falta de oferta de serviços básicos como saúde, transporte, educação e lazer nas áreas mais distantes do centro da cidade, enquanto os bairros centrais concentram esses serviços em certa abundância. Portanto, a desigualdade social soma-se à desigualdade de gênero e à impossibilidade de exercer livremente a sexualidade gay na cidade.

Nessa mescla de opressões e assimetrias, Santos (2016) expôs um breve histórico da história coletiva das identidades gays na cidade de Campos dos Goytacazes. Segundo o autor, em 1996 o “I Fórum dos Sexualmente Discriminados” aconteceu na cidade, e alguns dias depois houve uma passeata na Praça São Salvador em frente à Catedral do Santíssimo Salvador, localizada no Centro. Nas proximidades da praça, mais especificamente na orla da Lapa, região também conhecida como beira rio devido margear o Rio Paraíba do Sul, começam a acontecer os primeiros movimentos que culminaram na organização da 1ª Parada Gay em Campos. Nessa época, o “GayOsque” era o quiosque da orla conhecido como ponto de encontro da comunidade LGBTQIA+ na cidade.

Ainda de acordo com Santos (2016), é somente no ano de 2006 que os movimentos iniciados em 1990 se concretizam em uma Parada Gay, que mobilizou aproximadamente dez mil pessoas. Embora os pontos de encontro da comunidade LGBTQIA+ fossem na área urbana de Campos dos Goytacazes, mais especificamente no centro da cidade, a Parada Gay aconteceu na orla da praia Farol de São Thomé, que fica a cerca de 80 km do bairro Centro. Esse evento teve significativo impacto e gerou uma



grande repercussão nos jornais do município.

Em decorrência da liberdade conquistada por esses movimentos pioneiros, atualmente a cidade sedia outras manifestações e reivindicações que estão profundamente ligadas com os coletivos LGBTQIA+ que surgiram com o crescimento das universidades públicas e Instituto Federal de Campos, sendo elas a Universidade Federal Fluminense (UFF), Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF) e Instituto Federal Fluminense (IFF). Dentre as várias ações dos coletivos articulados nessas instituições citamos a primeira edição da Semana da Diversidade, em 2013 (SANTOS, 2016; NOGUEIRA, 2017).

Essa breve e parcial contextualização histórica nos indica que há um ranço histórico nesta cidade, relações sociais que historicamente constituíram as situações nas quais os homens gays vivem suas trajetórias. Que relações são essas? Relações opressoras. Que ranço histórico é esse? O ranço do enquadramento, o esforço que a normatividade faz para não se desestabilizar, buscando manter-se como norma (BUTLER, 2017; 2018a).

Diante das opressões não resta outra opção para as identidades desviantes que não seja pôr os corpos na rua, formar alianças com iguais e simpatizantes e reivindicar publicamente o direito de existir em liberdade, ou melhor, a liberdade de existir (BUTLER, 2018b). Por isso a população campista LGBTQIA+ recorreu e continua recorrendo a eventos públicos para reivindicar seus direitos, porque é preciso mostrar ao município que todos os corpos importam, não só aqueles historicamente constituídos como os certos (BUTLER, 2019a).

Nas manifestações e reivindicações públicas, propõe-se que as ruas sejam ocupadas com todos os corpos, principalmente aos corpos desviantes aos quais a mobilidade é diversas vezes negada. Busca-se, portanto, uma aproximação com as assembleias, ato político que representa a radicalização da democracia assim como a democracia radical (BUTLER, 2018b).

Por que toda essa reivindicação é necessária? A reivindicação pelo direito à existência torna-se necessária em um mundo que reverbera a ordem heteronormativa e patriarcal. Aliás, enquanto corpo desviante os gays representam a perturbação da paz. Como Butler (2018a) advertiu, o enquadramento força que os desviantes sejam enquadrados na norma, mesmo que isso custe suas vidas. Inclusive, a noção de vida



também pode ser questionada quando pensamos a situação dos gays em meio às sociedades heteronormativas. Eles são vidas? Se sim, suas vidas merecem ser enlutadas e, por consequência, vividas? A partir de diversas fontes Butler (2019b) nos indica que não. Por isso, reafirmamos que o gay não pode existir e que para que a normatividade perdure eles sequer podem existir, quiçá viver em paz.

Retomamos o meme com o qual abrimos esta seção e concluimos que, o que talvez nem todo gay viva, mas sempre um gay vive, é o combate contra si mesmo, é o impedimento quase que constante de exercer direitos básicos, como o de existir.

Contudo, esses apontamentos não nos permitem compreender como as trajetórias gays se dão na cidade de Campos dos Goytacazes-RJ para além da história coletiva da população LGBTQIA+, que em muito se parece com a história mundial desses grupos, se é que podemos reivindicar uma história mundial para eles. Por isso, é preciso que mergulhemos na situação em que a sexualidade gay é experienciada em Campos dos Goytacazes, compreendendo a partir do próprio corpo essa sexualidade se dá, mas como ela é situada, corporificada, encarnada, de forma única, ou seja, sexualidade-em-situação (MOREIRA, 2021).

Sexualidade-em-situação: arrolando trajetórias gays em Campos

Moreira (2021) compreende a sexualidade-em-situação enquanto entendimento da sexualidade como abertura e possibilidade, e não como cristalização das identidades de gênero e sexuais. Para isso, arrolamos as trajetórias dos corpos gays que pesquisamos com o objetivo de compreender como a experiência da cidade se relaciona com a experiência da sexualidade, possibilitando achados de pesquisa que estão para além da definição paralisante do que é ser gay, certa vez que visamos muito mais como o corpo gay é vivido.

Arrolar as trajetórias dos corpos gays que participaram da pesquisa é o processo ao qual recorreremos para relacionar sexualidade e cidade pela ótica da experiência corporificada, da experiência que se dá na carne do corpo gay, e não nos conceitos e pré-determinações sobre esses corpos.

O que queremos dizer com “arrolar trajetórias”? Arrolar nos diz daquilo que é posto em rol, em lista. Também indica atribuir a algo ou a alguém, pertencer a determinado grupo ou categoria. Indo além, se refere a inscrever-se, alistar-se, engajar-se.



Portanto, ao arrolamos trajetórias gays em Campos desvelamos como os corpos gays são atribuídos aos grupos na sociedade e categorizados como gays. Visamos, portanto, a experiência de ser categorizado e determinado como gay não só pela voz dos outros, mas dos próprios corpos gays. Nesse sentido, os relatos dos homens gays participantes da pesquisa expõe como eles interpretam a própria experiência de ser inscrito e de inscrever-se como gay, de ser engajado e de engajar-se como gay, ou seja, um ato hermenêutico de interpretar a própria trajetória enquanto corpo gay que vive a cidade de Campos.

Arrolar essas trajetórias é, sobretudo, engajar-se com os corpos que se engajaram enquanto corpos gays na, da e com a cidade de Campos dos Goytacazes. O percurso metodológico que nos pôs em contato com os homens gays com os quais dialogamos nesta seção estão descritos com detalhamento na dissertação “De quem são os lugares na cidade? Entendendo trajetórias gays em Campos dos Goytacazes” (2019), defendida por Fernanda de F. V. Nogueira no Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPG) da Universidade Federal Fluminense (UFF) em Campos dos Goytacazes-RJ sob orientação do Prof. Dr. Antonio Bernardes. Cabe ressaltar que a abordagem e a interpretação dos depoimentos que culminaram na dissertação se difere do tratamento dado neste trabalho, que busca arrolar essas trajetórias por meio da noção de sexualidade-em-situação de Moreira (2021).

Arrolamos essas trajetórias por meio do emaranhado de identidades e estereótipos, de modo que ambos se confundam ao mesmo tempo em que se diferem. Mas como a identidade se torna uma questão? Os corpos carregam uma história de significados que estão em relação intrínseca com sua existência, pois estão continuamente inseridos e influenciados pela cultura que cultivam. São os corpos que ancoram a identidade, performando-a socialmente, culturalmente e politicamente situados (LOURO, 2000).

Contudo, por mais que as identidades pareçam e se esforcem para ser corporalmente fixadas, elas são inconstantes e flexíveis, ou seja, estão sempre em abertura (MOREIRA, 2021). Desse modo, como deveríamos entender o conceito de identidade? Haveria uma identidade gay que pudesse em algum ponto representar todos os corpos gays? Até que ponto se daria a reivindicação de uma única identidade gay que os representaria? O que faríamos com ela? Essa é a questão da identidade vivida intensamente pelos corpos gays, como traremos mais adiante, porém, antes precisamos



nos debruçar sobre a experiência da identidade em crise, para então, pensarmos o corpo em crise identitária.

Segundo Hall (2006), na modernidade as identidades estão sob inconstâncias. Se antes do século XX era possível se admitir um “modelo” de identidade fechado e facilmente definível, nos dias de hoje as identidades estariam passando por processos de reformulação. As identidades, dessa maneira, estariam sendo incessantemente “descentradas” por suas próprias forças.

A teoria de Freud de que nossas identidades, nossa sexualidade e a estrutura de nossos desejos são formados com base em processos psíquicos e simbólicos do inconsciente, que funciona de acordo com uma “lógica” muito diferente daquela da Razão, arrasa com o conceito do sujeito cognoscente e racional provido de uma identidade fixa e unificada – o “penso, logo existo” do sujeito de Descartes (HALL, 2006, p.36).

Em consonância, Castells (2010) afirma que a identidade se faz por processos sociais. Nossas identidades são construídas socialmente e seriam, sobretudo, a fonte de significado e experiência de um povo. Nunan (2003, p. 182) complementa que as identidades podem ser compreendidas por “tudo aquilo que o sujeito experimenta e descreve como sendo ou fazendo parte de si”. Além de híbridas, as identidades aqui são entendidas como identidades de resistência. Isso é a identidade que Castells, em sua obra “O poder da Identidade” (2010), coloca como sendo construída a partir de ações de resistência. Segundo o autor, é estimado que esse seja o tipo mais relevante de formulação de identidades na sociedade. É a partir dela que podemos observar resistências contra repressões, dando forma a comunidades, que, sem esse apoio, não resistiriam a sobreviver em um mundo que as limita por vias de várias instâncias.

Ter um senso de “nós” fortalece o autoconceito do indivíduo, fazendo com que este procure respeito para si próprio e orgulho dentro do seu grupo. Visto que a identidade dos homossexuais é estigmatizada na nossa cultura, o pertencimento a um grupo que rejeita os valores heterossexuais permite a afirmação de sua individualidade e normalidade perante uma sociedade que os condena (NUNAN, 2003, p. 141).

É em meio a situação de existir em crise de identidade que arrolamos as trajetórias dos homens gays que pesquisamos.

A comunidade LGBTQIA+ e, especificamente, nessa pesquisa, sujeitos homens gays, tem sua história atravessada por marginalizações que deslegitimam seus corpos (COSTA, 1992; BUTLER, 2017; 2018a). Diante da marginalização dos próprios corpos, as identidades gays são constantemente postas em crise não só pela possibilidade de não



identificação com o grupo gay, mas também pela possibilidade de marginalização por não se encaixar no enquadramento das identidades heteronormativas (BUTLER, 2018a).

Léo⁵, um dos homens gays que contribuiu para a pesquisa de Nogueira (2019) inscreve sua trajetória na quizila das identidades e enfatiza a importância de algumas referências para o seu autoconhecimento e “aceitação” enquanto homossexual:

Léo: Tudo isso que tá acontecendo é muito importante... Eu acredito que os adolescentes que se entendem gays hoje vão ter mais facilidade que a gente, entendeu? É tão importante ter a Pablló⁶, a Linn⁷. Essas pessoas ocupam espaços muito importantes, mostram que tem gente igual a gente alcançando coisas importantes, mostrando que a gente existe, dando a cara a tapa para o preconceito.

Arrolado no problema da identidade, Léo tem esperança que futuramente outros gays tenham mais liberdade para ser quem são, para fazerem a assunção da própria identidade, do próprio corpo. As cantoras e compositoras brasileiras citadas pelo entrevistado, Linn da Quebrada e Pablló Vittar ocupam espaços de importância que outros corpos desviantes não conseguem ocupar porque não se enquadram na normatividade, o que os expulsa desses espaços. Mas porque Linn e Pablló são referências? Pessoas LGBTQIA+ que estão longe da cidade em que Léo vive? A importância não é que esses corpos ocupem as ruas de Campos dos Goytacazes, apenas, mas que ocupem quantas ruas puderem, para que façam da sua mobilidade a possibilidade de transitar entre espaços que pessoas LGBTQIA+ sem fama não conseguem. Ocupar as ruas pelos outros é o suprasumo dos corpos em aliança que se propõem a fazer a política nas ruas, como indicou Butler (2018b).

Matheus é um outro homem gay também arrolado pela querela dos estereótipos:

Matheus: Eu concordo que é importante a gente ter uma Pablló Vittar, sabe? Mas isso também é ruim. Você fala que é gay e automaticamente te associam a glitter, música pop, coreografia. Pode ser isso, mas, não é só isso. Tem gente que nem gosta dessas coisas e não vai ser menos gay por isso. Às vezes, isso mais separa a gente do resto das pessoas do que qualquer outra coisa.

⁵ Os nomes dos entrevistados foram alterados para proteção da identidade dos mesmos.

⁶ Phabullo Rodrigues da Silva, conhecido por seu nome artístico Pablló Vittar, é uma cantora e drag queen brasileira.

⁷ Lina Pereira dos Santos, mais conhecida como Linn da Quebrada, é uma cantora, compositora, atriz e ativista social brasileira.



A trajetória de Matheus também é inscrita na querela da identidade, principalmente no que tange aos estereótipos. Matheus reconhece o corpo de Pablio Vittar como legítimo e como representativo, mas ressalta a necessidade de outros corpos representarem os homens gays. A questão para Matheus não é ser inscrito na identidade de Pablio Vittar, pelo contrário, mas ter suas identidades de gênero e sexualidade reduzidas a essa única representação. O estereótipo, nesse caso, impede que a sexualidade-em-situação seja experienciada em abertura e possibilidade (MOREIRA, 2021), cristalizando-a novamente em um novo enquadramento (BUTLER, 2018b), mesmo que não seja o da performatividade normativa. O estereótipo impede Matheus de ser como ele quer ser, como se estivesse novamente excluindo seu corpo da vida, re-marginalizando-o.

Contudo, ver pessoas LGBTQIA+ ocupando espaços que lhes foram negados é reconfortante mesmo que o estereótipo sirva de incômodo. Como dissemos nos parágrafos anteriores, as identidades são, sobretudo, “identidades de resistência”. Essa seria uma resistência aos padrões, regras e estereótipos que aparecem não só nas entrevistas, mas em nossas conversas informais e vivências. A quizila, portanto, não é somente se reconhecer em meio a diferença ou se diferenciar em meio aos semelhantes, mas conseguir negociar tantas identidades de modo que nenhuma delas seja deslegitimada, pois geralmente já são marginalizadas na família, na escola e também pelo Estado.

Inscritos nesse imbróglio, os corpos gays reivindicam suas identidades para pertencer a algum grupo ou lugar, arrolam outras histórias para compor as suas, engajam-se em histórias maiores para proteger seu próprio corpo, geram pertencimento para si mesmos e seus outros (WEEKS, 2000, p. 90).

Vejo que é exatamente isso que nos coloca o entrevistado Matheus quando relembra a figura de Linn da Quebrada como ruptura de uma identidade gay que é constantemente reforçada pelos meios de comunicação de massa. A cantora representa um corpo que além de transgênero é preto, pobre e afeminado, como canta em uma de suas canções. Linn representa o que é ser muitas identidades em um corpo, mas que mesmo assim, é símbolo que representa e é representada por uma comunidade, assim também como os sujeitos de pesquisa. Entendê-los é fazer o exercício de entender como são lidos seus corpos, e ao mesmo tempo ter a responsabilidade de não os ancorar a um conceito fixo e fechado de identidade.

A identidade enquanto refúgio, reconhecimento e pertencimento é necessária para



a resistência desses corpos porque o desconforto de não caber na norma padrão é posto desde a infância, muitas vezes pela própria família, como nos contou Matheus:

Matheus: [...] minha família é muito machista, homofóbica e violenta, e aí eu sempre ganhei playboy desde os 13 anos de idade pra poder me botarem mais no universo masculino, me colocaram no jiu jitsu...

Fernanda: Então eles já observavam que você era mais “feminino”?

Matheus: Me consideram gay, só que não falavam, nem comigo e nem entre eles e aí essa porra toda foi acontecendo, foram querendo me enfiar um monte de coisa, querendo me levar pra puteiro, me enfiar isso e ficar cobrando uma namorada, uma namorada o tempo todo.

A família forçava Matheus a caber no enquadramento da norma, forçando-o a ter hábitos masculinizados, práticas consideradas dignas dos homens, antes mesmo dele próprio se compreender enquanto homem gay. Nesse contexto, as identidades enquanto resistência surgem como possibilidade de reinterpretção do passado, para então, possibilitar que os gays façam as pazes com o próprio presente e não se sujeitem mais aos enquadramentos nos quais eles foram forçosamente encaixados quando crianças, quando vulneráveis às identidades normativas.

Diante desses conflitos, os corpos gays se especializam na cidade de Campos dos Goytacazes de acordo com a liberdade que sentem para exercer sua sexualidade, como nos contou Roberto, outro participante da pesquisa. A trajetória vivida por Roberto na cidade é completamente atravessada pela possível descoberta de seus familiares ao verem-no em algum lugar e isso o gerar problemas. Apesar de seu pai, pessoa com quem ele ainda mora, ter conhecimento sobre sua sexualidade, ele não aceita sua orientação sexual. Aliás, a condição de que Roberto possa continuar morando com o pai é que ninguém do ciclo social da família tome conhecimento da homossexualidade de Roberto. Assim sendo, são muitos os lugares da cidade de Campos em que Roberto é “proibido” de estar ou, pelo menos, de ser quem ele realmente queria ser.

Apesar de Roberto ter sido o único homem gay com quem conservamos que relatou questões familiares que interferem em sua ocupação dos lugares da cidade, os outros participantes da pesquisa declararam que a ocupação que fazem das ruas é pautada na violência e no medo que sofrem em alguns lugares. Na maioria das vezes, essa violência é feita de forma verbal e/ou psicológica, por pessoas desconhecidas que os encontram nas ruas de Campos dos Goytacazes.

Essas trajetórias remontam a como as identidades e seus conflitos se lugarizam na

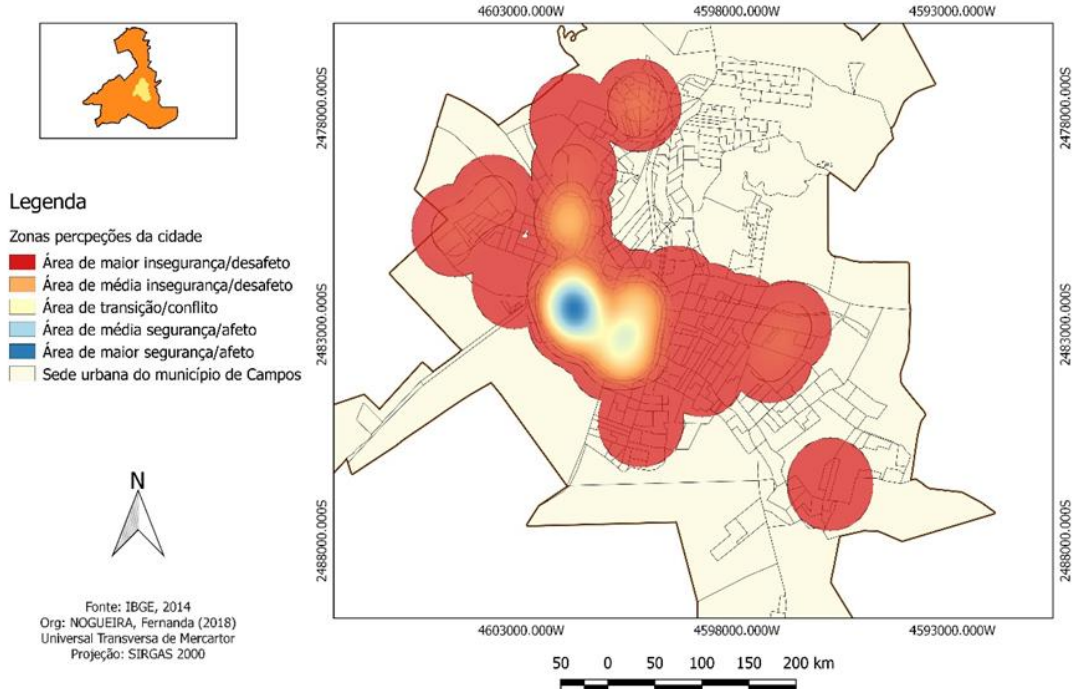


cidade de Campos, porque toda trajetória contada diz respeito aos lugares percorridos durante o trajeto. É impossível expor uma trajetória sem coadunar nela tudo que foi vivido durante o trajeto, por mais que ao narrá-la alguns lugares sejam escondidos e outros exacerbados. Nesse frenesi, os lugares aqui têm sentido de representação, identidade e sentimentos, mas, também, do não-encontro, das desconexões e, mais ainda, de abertura ao que está “fora” dos seus “limites”.

O mapa exibido na Figura 2 foi elaborado com o objetivo de entrecruzar as trajetórias de Matheus, Léo e os outros homens gays participantes da pesquisa. As áreas em vermelho marcam os espaços da cidade em que os participantes da pesquisa disseram se sentir inseguros por já terem vivido, pessoalmente ou através de informações de amigos e colegas, algum tipo de violência, o que gerou um desconforto nesse espaço. Já as áreas em azul representam os espaços em que eles se sentem seguros.

No entanto, assim como as identidades culturais são instáveis, as identidades dos lugares também o são, ou seja, essa dicotomia de lugares de segurança e insegurança é extremamente questionável, como a fenomenologia dessas trajetórias demonstrou. A possibilidade dessa multiplicidade de experiências da sexualidade gay é o que constitui a sexualidade-em-situação como cunhada por Moreira (2021). Ao abordar a ambiguidade da sexualidade o autor explanou que em um certo momento de sua trajetória “percebia a sexualidade-em-situação, como possibilidade de manifestação ambígua da própria existência” (MOREIRA, 2021, p. 20). Essa ambiguidade é também espacializada no mapa que representa as percepções dos participantes ao exercerem a sua sexualidade na situação da cidade de Campos.

FIGURA 2 - Mapa de sobreposição de percepções dos sujeitos



Notamos que as trajetórias dos homens gays que participaram da pesquisa remontam a dois bairros da área urbana de Campos: Pelinca e Centro. O bairro Pelinca é onde se localizam a maioria dos bares e boates consumidos pelos participantes da pesquisa. O mapa representa essas áreas com uma mistura das cores azul e vermelho, pois os relatos demonstram que em lugares da Pelinca os homens gays percebem-se seguros, mas também inseguros. Como já apontado em Nogueira (2019), essa dualidade de segurança e insegurança é representada pelo conflito gerado por esses lugares serem os favoritos de muitos colaboradores da pesquisa, mas também serem os lugares nos quais eles se sentem vulneráveis à homofobia.

Essa percepção é compreensível pois, no bairro Pelinca, próximo aos lugares em que os homens gays sentem-se mais livres e seguros, há lugares notadamente heteronormativos. Nesses lugares, a sexualidade gay é experienciada pelo escondimento de si. Caso contrário, os participantes podem se colocar em risco nesses lugares, pois estariam espacializando identidades que questionam o enquadramento da normatividade compulsória, desviando-se da norma Butler (2017; 2018a; 2019a) argumenta nos trabalhos citados.



A ambiguidade entre sentir-se seguro e inseguro também emerge na representação do bairro Centro. Enquanto alguns participantes da pesquisa o consideram um lugar interessante a ser explorado, outros participantes relatam que sentem muito medo de frequentar esses lugares devido eles geralmente serem movimentados e frequentados por muitas pessoas. Inclusive, alguns colaboradores da pesquisa dizem não saber constituir bem como percebem o bairro do Centro da cidade, por serem tomados por sentimentos de segurança e insegurança nas mesmas proporções.

As trajetórias arroladas na pesquisa apontam também outra questão: as identidades de classe e o consumo. A classe social dos entrevistados não pode ser dissociada das suas trajetórias, até porque, é a partir dela que os participantes aprenderam a frequentar certos lugares da cidade da forma como fazem hoje, e também é devido à classe social que conseguem acessar alguns serviços com maior ou menor intensidade.

Ao todo, trabalhamos com dez homens gays de classe média - e a maioria deles tem acesso ao Ensino Superior. Isso retrata uma comunidade em suas trajetórias, que pode ser vista no mapa, vide a intensidade e com que frequentam o bairro Centro. Nesse sentido, cabe uma observação nossa, o fato de os participantes da pesquisa viverem o lazer noturno nesses lugares mais caros e centrais não lhes garante segurança. Os enquadramentos das identidades normativas são tão danosos que, o dinheiro e conhecimento acadêmico que podem garantir aos colaboradores conforto em segurança em certos lugares, não lhe garantem proteção nenhuma quando experienciam a sexualidade gay. Porque, a sexualidade gay quando posta em situação, quando exposta espacialmente, é sempre uma ameaça à normatividade compulsória. Quando ameaçada pela afronta da diferença em se espacializar, as identidades normativas precisam combatê-la, devolvê-la ao seu lugar de origem, expulsá-la dos lugares que desde sempre ou quase sempre são lugares para heterossexuais.

Se homens gays de outras classes sociais não podem frequentar esses lugares os que podem não conseguem escapar da coerção dos corpos, que se dá no sentido de limitar os corpos gays a certos espaços e tempos específicos. É como se houvesse lugar e hora definidos para os corpos gays existirem livremente.

O sonho de trajetórias possíveis

As ruas falam e, mais ainda, os corpos falam. Antes mesmo dos sujeitos



verbalizarem algo as roupas, suas companhias e as formas como se comportam, até mesmo como andam, falam. Nesse falar, tudo que se aproxima minimamente de um comportamento “feminino” é motivo de violência. Violar para excluir, excluir para indicar que certos lugares não são para os desviados (COSTA, 2010).

Com isso, a questão não é só se corpos gays podem existir, mas onde na cidade de Campos os gays podem existir? Mas que existir seria esse? Como Butler (2019b) argumentou, carecem de uma vida legítima, que não seja precária e nem precarizada. Em nosso contexto de pesquisa: quais lugares da cidade de Campos consideram as vidas gays dignas de viver? Com isso queremos dizer que a questão agora não é uma pergunta, mas sim um problema. Que problema seria esse? Existir livremente. Alegamos que isso é um problema, pois problema não só exige solução, mas convoca alguém a solucioná-lo. Esse problema é de todos, não só de homens gays ou de outras minorias que estão à margem da norma. Para existir livremente a sexualidade precisa ser experienciada fora do armário, e não mais pelas frestas da porta, como Moreira (2021) escreveu.

O problema que alegamos existir não é uma questão dos lugares, da cidade ou das pessoas. Essa é uma questão de vida e morte. Morte, porque as vidas gays e desviantes não são dignas de luto, não devem ser charadas. Vida, porque enquanto mortes inelutáveis elas representam vidas não humanas, que não merecem ser cuidadas (BUTLER, 2019b). Portanto, a sexualidade-em-situação, no caso dos desviantes da heteronormatividade compulsória, é uma questão de urgência pois arrola vidas que estão em jogo, lutando para existir e ter prazer enquanto são expulsas de certos lugares e, mesmo nos lugares onde são aceitas, são tomadas pela nocividade do enquadramento, pela penosidade de ser quem são, pelo medo do que pode acontecer caso saiam do armário, por mais que estejam pagando para ter lazer.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**. 17 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

BUTLER, Judith. **Quadros de Guerra**. 5 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018a.



BUTLER, Judith. **Corpos em Aliança e Políticas da Rua**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018b.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam**. São Paulo: N-1, 2019a.

BUTLER, Judith. **Vida Precária**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2019b.

COSTA, Jurandir Freire. **A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992;

COSTA, Benhur Pinós da. Geografias das representações sobre homoerotismo. **Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v.1, p. 21-38, 2010.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade: era da informação**. vol. 2, São Paulo: Paz e Terra, 2010.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. Ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MOREIRA, Tiago Rodrigues. **Lavrando a existência gay: ontofenomenologia da sexualidade-em-situação**. Dissertação. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Aplicadas. 2021.

LOURO, Guacira Lopes. **Um Corpo Estranho – Ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004.

NOGUEIRA, Fernanda de Faria Viana. **As redes de consumo e seus rizomas: comércio e vida noturna em Campos dos Goytacazes – RJ**. Trabalho de Conclusão de Curso em Geografia apresentado na Universidade Federal Fluminense, 2017.

NOGUEIRA, Fernanda de Faria Viana. **De quem são os lugares na cidade? Entendendo trajetórias gays em Campos dos Goytacazes - RJ**. Dissertação de Mestrado em Geografia. Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes -RJ, 2019.

NUNAN, Adriana. **Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo**. Rio de Janeiro: Caravansarai, 2003.

SANTOS, Rafael França Gonçalves. **Visibilidades LGBTs na “Terra da TFP”**:



lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais na imprensa campista (1975-2015).
Encontro Nacional de História da Anpuh – Rio, 2016.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade, In: LOURO, G. L. (org) **O corpo Educado: Pedagogias da sexualidade.** 2ª edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.